



“Às vezes a gente não conhece nada sobre os nossos vizinhos e sabe muito sobre a Europa”: um estudo sobre a construção da identidade e das crenças de alunos intercambistas do Brasil e da Argentina

Bolsista: Mayra Wosniak Freitas
Curso de Letras

Orientadora: Dorotea Frank Kersch
PPG Linguística Aplicada



Apoio:



<p>1. Introdução:</p> <p>O Brasil, buscando a liderança científica no MERCOSUL, vem fomentando programas de intercâmbio em parceria com países membros. Um exemplo é o “Parcerias Universitárias de Graduação em língua espanhola e portuguesa”, do qual participam a UNISINOS, de São Leopoldo-RS e a UNCUIYO, de Mendoza-AR. Entre os objetivos do programa em questão está o estímulo ao intercâmbio de estudantes de graduação, com foco no ensino de língua, português e espanhol como segunda língua.</p>	<p>4. Resultados</p>	
<p>2. Fundamentação teórica:</p> <p>Para fundamentarmos a pesquisa usamos os conceitos de identidade apresentado por Fabrício (2013), Gee (2001), Moita Lopes (1998) e Antaki e Widdicombe (1998) e o conceito de crenças apresentado por Barcelos (2004, 2007).</p>	<p>Ana: “(...) antes de conhecer, antes de me mover, eu não sentia, né então... na minha escola eu aprendi inglês (...)”</p>	<p>O uso dos verbos destacados nos mostra que a entrevistada para sentir parte dos falantes do espanhol, ela precisou conhecer e se mover nessa nova língua, pois seu único contato tinha sido com o inglês.</p>
<p>3. Metodologia:</p> <p>Pretendemos investigar de que modo o programa mencionado anteriormente tem contribuído para a mudança da visão sobre as crenças na aprendizagem, e como viagens de estudo financiadas por ele têm contribuído para a constituição de identidades. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, das quais foram selecionadas três com intercambistas argentinos e três com brasileiros, que foram transcritas de acordo com o modelo apresentado por Marcuschi (1989), adaptado pelos participantes do grupo de pesquisa que integro.</p>	<p>Juliana: “(...) o espanhol faz poucos anos é uma língua obrigatória de ser ensinado no ensino médio, já o inglês é ensinado desde a quinta serie (...)”</p>	<p>Para a entrevistada o fato do inglês ter se tornado uma língua obrigatória antes do espanhol e os alunos só terem contato com ela no ensino médio, dá um prestígio maior ao inglês e a partir disso cria – se a crença de que inglês é mais importante.</p>
<p>5. Conclusão:</p> <p>Na escola desenvolve-se a crença de que o inglês tem mais prestígio. O intercâmbio e a vivência no exterior dão outra visão aos alunos. Os intercambistas compartilham a crença de que o estudo da língua espanhola é mais significativo do que o estudo de língua inglesa, decorrente da aproximação geográfica entre Brasil e Argentina. Além disso, a estada no outro país permite a construção de novas identidades.</p>	<p>Carolina: “(...) então ter ido para lá fechou, parece que complementou, então hoje em dia estou completa no curso, digamos assim.”</p>	<p>Nesse trecho a entrevista demonstra o quanto ter participado do intercâmbio influenciou sua formação e com isso criando nela uma identidade, um sentimento de pertencimento como falante de espanhol.</p>
<p>6. Referências:</p> <p>ANTAKI, Charles; WIDDICOMBE, Sue. Identities in talk. London: SAGE, 1998.</p> <p>FABRÍCIO, Branca Falabella. A outridade lusófona em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.) Português no século XXI: ideologias lingüísticas. São Paulo: Parábola, 2013, p. 144-168.</p> <p>GEE, James Paul. Identity as an analytic lens for research in education. In: Review of research in education, n.25, 2001, p. 99-125.</p> <p>MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In Linguagem e identidade: elementos para discussão no campo aplicado. Inês Signorini (org.), Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.</p> <p>MARCUSCHI: Marcuschi, Luiz Antônio. Análise da Conversação, 1986, Ed. Ática.</p>	<p>Vitor: “(...) achei muito melhor estudar português do que inglês e eu acho que se tem que ensinar mais português do que inglês nas escolas”</p>	<p>O intercambista argentino mostra na sua fala que é mais significativo aprender/ensinar português na escola principalmente pela proximidade dos países de fala espanhola com o Brasil</p>
	<p>Marcela: “(...) sinto que eu sou uma brasileira mais, mais... (...) posso caminhar pela cidade, tudo, e eu sei que... E, é como se tudo fosse meu.”</p>	<p>A intercambista argentina ao usar o verbo sou e o pronome possessivo “meu” nos mostra uma forte identificação com a nova identidade que está sendo formada.</p>
	<p>Renata: “Uma pessoa não pode associar uma interação se não compartilha a língua (...)”</p>	<p>Para que aja uma interação as pessoas precisam compartilhar a língua e a partir dessas interações novas identidades vão sendo co-construídas.</p>